



A redução da taxa social única, que o PSD agora vem propor no seu programa eleitoral, só peca por tardia.

Se vier a ser implementada, esta medida virá aliviar a vida das pequenas e médias empresas, eventualmente salvar algumas de muitas dificuldades, garantindo, assim, algum emprego. E vem sobretudo repor alguma ordem num sistema de segurança social caríssimo, que nos leva a cada um no final de cada mês um terço do salário para apenas garantir à maioria umas míseras pensões de sobrevivência.

Com esta redução sairia beneficiado o próprio orçamento de Estado, já que o estado, enquanto entidade empregadora, viria a poupar um valor estimado em cerca de 500 milhões de euros por ano.

O efeito de quebra de receita teria assim apenas um efeito nos fundos autónomos da Segurança Social, inferior a sete por cento das contribuições, reflectir-se-ia numa redução do valor das pensões apenas no futuro. E se esta questão for bem gerida, terá reflexo só nas reformas mais elevadas, limitando-as a um máximo justo para um País como Portugal. Não há pois necessidade de compensar esta diminuição com qualquer aumento de impostos, como por aí se diz.

A medida não é pacífica, em particular num país onde só se fala em aumentar impostos e contribuições e habitado por uma classe política que vê reduções de contribuições e taxas como uma heresia.

Mas é urgente que a medida avance, com ou sem PSD. Não faz sentido prejudicar a economia actual, apenas para garantir algumas reformas milionárias no futuro.